

**30E31**JUL  
21:00H



**PERFORMANCE**

# AO ABRIGO DA DISTÂNCIA DE RUI CATALÃO

**EXTERIOR**

**CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA - CEA**

GRATUITO, com reserva prévia obrigatória  
email [cea@mail.cm-moita.pt](mailto:cea@mail.cm-moita.pt) ou pelo telefone 211 810 030, no limite da lotação  
Destinatários: M/6 anos | Lotação: 40 lugares

[www.cm-moita.pt](http://www.cm-moita.pt)

**PERFORMANCE**  
**AO ABRIGO DA DISTÂNCIA, DE RUI CATALÃO**

Partindo de vários testemunhos pessoais, Ao Abrigo Da Distância é um mosaico da diáspora africana, em forma de pequenos retratos cénicos. Centra-se nos habitantes do Vale da Amoreira e as suas complexas relações familiares, tantas vezes vividas à distância, sob o espectro da separação ou até mesmo do abandono. Acompanha gente que tem por origem vários pontos no mapa africano, que converge para Portugal, antes de voltar a dispersar-se pelo norte da Europa.

Nem sempre os jovens se apercebem o quanto as suas vidas dependem, ou são modeladas, pela história das suas famílias, pela história dos países e comunidades de que descendem, assim como do país em que passaram a habitar. Ao abrigo da distância tem como ponto de partida uma série de entrevistas a personagens da diáspora africana, cuja história de vida se confunde com a dos actores que as interpretam.

Os intérpretes de origem africana, com os quais Rui Catalão tem vindo a trabalhar desde 2016, cresceram com o pai ou a mãe à distância, quando não os dois. Nas comunidades africanas, é comum os jovens terem meios-irmãos da parte do pai e da mãe. E mesmo quando só têm irmãos do mesmo casal, é muito habitual que a mãe tenha ficado em África ou que o pai tenha, entretanto, emigrado para outro país europeu. Também é comum ambos os pais estarem ausentes e o filho adulto ficar responsável pelos irmãos mais novos. Outro cenário ainda é os irmãos ficarem dispersos por várias famílias, entre tios e avós.

É a complexidade destas relações, com os seus pequenos e grandes dramas familiares, que determinam a educação e o crescimento das pessoas, e a forma como depois se integram nas comunidades em que passam a habitar.

Ao Abrigo Da Distância dá continuidade a uma longa série de espectáculos dedicados à diáspora africana, que Rui Catalão tem vindo a desenvolver desde 2016, quando apresentou **E Agora Nós** com um quinteto de habitantes do Vale da Amoreira. Seguiram-se **Medo a Caminho** (com Luís Mucauro), **Adriano Já Não Mora Aqui** (com Adriano Diouf), **A Rapariga Mandjako** (com Joãozinho da Costa) e o espectáculo colectivo **Último Slow**.

**FICHA ARTÍSTICA:**

**AUTORIA E ENCENAÇÃO** Rui Catalão | **INTÉRPRETES** Dennis Correia, Inês Corino, Luís Mucauro, Natacha Campos, Rui Catalão | **DRAMATURGIA** Rui Catalão, a partir de entrevistas de Madiu Furtado | **ASSISTENTE DE ENSAIOS E FIGURINOS** Joãozinho da Costa | **LUZES** João Chicó | **COPRODUÇÃO** Município da Moita/Centro de Experimentação Artística e Festival Todos | **APOIO À CRIAÇÃO** Self-Mistake e Fundação GDA | **PARCEIRO INSTITUCIONAL** República Portuguesa - Ministério da Cultura

**RUI CATALÃO**

(n. 1971)

Dramaturgo, encenador e performer, desenvolveu nos últimos dez anos documentários cénicos, onde cruza crónicas do quotidiano com memória e identidade geracional. Dirigiu um colectivo de jovens de origem africana, que interpretam as suas próprias histórias, com narrativas da guerra, da vida no subúrbio e da diáspora africana: “E agora nós”, “Adriano já não mora aqui”, “Medo a caminho” e “A Rapariga Mandjako”. Dirigiu as peças de grupo “Jornalismo Amadorismo, Hipnotismo” e “Último Slow”, assim como “Assembleia”, onde o público é envolvido num debate sobre temas e histórias da comunidade. Recriou para o teatro as personagens bíblicas Ester e Judite. Na Roménia, onde viveu em 2006-2009, dirigiu os espectáculos “Atât de Frageda”, “Follow That Summer” e “Coadă Soricelului”. Escreveu os guiões cinematográficos “Capacete Dourado” (real. Jorge Cramez) e “Morrer como um homem” (real. João Pedro Rodrigues), e participou como actor em “A Cara que Mereces”, de Miguel Gomes. Licenciado em ciências da comunicação pela UAL, foi crítico de música e de literatura do Público, onde colabora episodicamente. Como dramaturgista colaborou com João Fiadeiro, Ana Borrvalho e João Galante, Miguel Pereira, Tonan Quito, Elmano Sancho, Mihai Mihalcea, Eduard Gabia, Manuel Pelmus, Mihaela Dancs, Brynjar Bandlien, Madalina Dan. Na área pedagógica, ensina um método de tomada de consciência, autocontrolo e criação de narrativas a que chamou “O jogo das perguntas difíceis”.

[www.cm-moita.pt](http://www.cm-moita.pt)